

Agricultura Urbana sob o Prisma da Agroecologia e da Agricultura Orgânica

Mariana Barbosa de Souza

SOUZA, Mariana Barbosa de: Doutoranda, mestra em Desenvolvimento Regional e bacharela em Direito, todos pela UNISC – Universidade de Santa Cruz do Sul; Pesquisadora-membro do OBSERVA-DR; e pesquisadora-membro do GEPEUR-Cnpq: Grupo de pesquisa em estudos urbanos e regionais. Endereço eletrônico: marisouza_10@hotmail.com.

João Paulo Reis Costa

COSTA, João Paulo Reis: Doutorando, mestre em Desenvolvimento Regional, Especialista em História do Brasil e licenciado em História, todos pela UNISC – Universidade de Santa Cruz do Sul; Endereço eletrônico: joaopauloreiscosta@gmail.com.

Verenice Zanchi

ZANCHI, Verenice: Doutoranda e mestra em Desenvolvimento Regional pela UNISC – Universidade de Santa Cruz do Sul; Especialista em Gestão Empresarial pela Fundação Getúlio Vargas – FGV; Administradora pelo Centro Universitário UNIVATES; Pesquisadora-membro do OBSERVA-DR. Endereço eletrônico: verenice.zanchi@gmail.com.

Resumo

Este estudo visa trazer à discussão o conceito de agricultura urbana a partir da agroecologia e da agricultura orgânica. Como mecanismo de aprofundar a discussão, a pesquisa levou em consideração que no âmbito da agricultura urbana, enquanto campo interdisciplinar de reflexão, encontram-se conceitos chave como agricultura urbana e periurbana, agroecologia e agricultura orgânica. Assim, este ensaio visa trazer à discussão os conceitos mencionados, considerando a sua relevância, especificamente em tempos de globalização, bem como, responder a seguinte questão que embasa este estudo: poderia a agricultura urbana, associada à agroecologia e à agricultura orgânica, fortalecer regiões? Assim, para a realização desta proposta, o presente estudo estruturar-se-á da seguinte forma: I) introdução relacionada ao tema proposto e apresentação dos objetivos; II) breve revisão teórica dos conceitos mencionados; III) Procedimentos metodológicos para direcionamento dos objetivos; IV)

resultados obtidos ante os dados coletados, bem como sua análise; e, por fim, V) considerações finais do tema proposto.

Palavras-chave: Agricultura urbana, agricultura periurbana, agroecologia, agricultura orgânica.

Introdução

O presente ensaio é resultado de um esforço de reflexão acerca dos conteúdos trabalhados na disciplina cursada no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da UNISC-Universidade de Santa Cruz do Sul: “Desenvolvimento Rural”, ministrada pelas Professoras Erica Karnopp e Cidonea Machado Deponti, associando aspectos da agricultura urbana com a agroecologia e agricultura orgânica. Isto, na intenção de compreender aspectos importantes relacionados às discussões que permeiam o desenvolvimento rural, bem como o desenvolvimento regional.

A partir de recortes bibliográficos alguns conceitos como o de agricultura urbana, agricultura periurbana e agroecologia serão explicitados de forma simples, a fim de que o conteúdo principal do trabalho seja exposto de forma clara.

Importante mencionar, que a temática da agricultura urbana abrange diversas facetas que implicam o entendimento das dimensões sociais, políticas, econômicas e culturais, entre outras. As relações existentes entre meio ambiente, desenvolvimento rural e cultura, mormente a forma como a cultura se torna um elemento importante nas estratégias de desenvolvimento, demonstra no global, uma condição de legitimação das esferas regional e local.

A questão de pesquisa (poderia a agricultura urbana, associada à agroecologia e à agricultura orgânica, fortalecer regiões?), é guiada pela necessidade de compreensão do tema, bem como sua importância para o desenvolvimento regional. Há muitas propostas de estudo acerca da agricultura urbana, entretanto, ainda são incipientes e com necessidade de fortalecimento. Nesse sentido, o alvitre deste ensaio é descrever a agricultura urbana sob o prisma da agroecologia e da agricultura orgânica e sua importância.

A hipótese é que a agricultura urbana pode ser útil para o fortalecimento de regiões no processo mundial de globalização. A justificativa de estudar a agricultura urbana é a de conhecer o tema e sua importância para o desenvolvimento regional. Este estudo possui um

recorte específico, porém não se esgota em si. Outras relações com a agricultura urbana podem ser objeto de estudos futuros, tamanha é a importância da temática.

Por fim, o ensaio está organizado em seções, incluindo esta introdução. Posteriormente apresenta-se uma seção que trabalha com conceitos afeitos à temática, tais como o de agricultura urbana e agroecologia. Ainda, trabalhar-se-á os procedimentos metodológicos para direcionamento dos objetivos, bem como sua análise. E, ao final, as considerações finais do tema proposto.

Agroecologia e agricultura orgânica

Quando tenta-se conceituar o que é agroecologia, Caporal e Costabeber (2004) afirmam que é necessário identificar, primeiramente, o que não é agroecologia. Assim, pode-se evitar uma visão reducionista do termo e usá-lo para de fato embasar discussões e debates que envolvam o homem e sua qualidade de vida ou, ainda, o desenvolvimento rural sustentável.

Destaque-se que o termo agroecologia não tem um conceito determinado, visto que os estudos que se debruçam sobre ele são recentes. Porém, tem-se que a agroecologia passou a existir a partir dos anos de 1980. O saber fazer das comunidades camponesas foi determinante para o surgimento do termo. Ademais, somado a isso, tem-se a agronomia e a ecologia, as quais relacionaram o saber dos camponeses ao meio ambiente e a uma agricultura sustentável responsável pelo bem do homem.

Nesse sentido, Caporal (2009, p. 15) declara que

Ao contrário das formas compartimentadas de ver e estudar a realidade, ou dos modos isolacionistas das ciências convencionais, baseadas no paradigma cartesiano, a Agroecologia busca integrar os saberes históricos dos agricultores com os conhecimentos de diferentes ciências, permitindo, tanto a compreensão, análise e crítica do atual modelo do desenvolvimento e de agricultura, como o estabelecimento de novas estratégias para o desenvolvimento rural e novos desenhos de agriculturas mais sustentáveis, desde uma abordagem transdisciplinar (CAPORAL, 2009, p.15).

Importa mencionar que na agroecologia, há uma relação embasada no equilíbrio, ou seja, não de estar interagindo, de forma harmoniosa, as plantas, o solo, a energia solar, a umidade, bem como outros organismos existentes. Somente assim será possível que o agrossistema se torne produtivo. Essa tática de harmonização é permitida por meio do manejo de sistemas produtivos complexo e distintos, os quais ensinam a manutenção de mais de um cultivo anual, associado a criações. (ALTIERI, 1998).

Envolvendo a ideia de equilíbrio, tem-se que a base da produção agroecológica é caracterizada pelo uso de ferramentas tecnológicas que respeitem a natureza, a fim de se preservar ou, até mesmo, modificar minimamente o ambiente, bem como as condicionantes de equilíbrio existentes os organismos que atuam nesse processo de produção. Diante destas características, distintos segmentos de produção agrícola, que não a industrial, estão sendo desenvolvidas, sendo que a que recebe maior destaque é agricultura orgânica, diante de sua difusão. (ASSIS, ROMEIRO, 2002). Ainda, de acordo com Caporal, Costabeber e Paulus (2005, p. 02), a agroecologia está suplantada em ensinamentos de diferentes disciplinas científicas: “Física, a Economia Ecológica e Ecologia Política, a Agronomia, a Ecologia, a Biologia, a Educação e Comunicação, a História, a Antropologia, a Sociologia e os Estudos Camponeses, apenas para citar alguns exemplos”.

Neste sentido, a agroecologia, aliando conhecimentos de diversas áreas, tem como foco principal o uso responsável do equilíbrio biológico do meio ambiente.

Caporal e Costabeber (2004, p. 09) afirmam que

Em síntese, é preciso ter clareza que a agricultura ecológica e a agricultura orgânica, entre outras denominações existentes, conceitual e empiricamente, em geral, são o resultado da aplicação de técnicas e métodos diferenciados dos pacotes convencionais, normalmente estabelecidas de acordo e em função de regulamentos e regras que orientam a produção e impõem limites ao uso de certos tipos de insumos e a liberdade para o uso de outros.

A agricultura orgânica tem, assim, por escopo criar sistemas de produção alicerçados em tecnologias de processos, ou seja, procedimentos os quais, em conjunto, envolvem a planta, o solo, as condições do clima, a fim de produzir um alimento saudável, o qual contenha as características originais, como o sabor, e que satisfaça as expectativas do consumidor. (PENTEADO, 2000).

Quanto às expectativas do consumidor Canuto (1998) declara que elas podem influenciar o mercado e suas características, bem como as necessidades de consumo, as quais influem na tecnologia de produção, acabando por reduzir métodos utilizados, bem como minimizando as questões de cunho ecológico.

Essa nova ideia do que é agricultura orgânica, focalizando no mercado de produtos orgânicos, favorece a fixação de sistemas de produção com base em tecnologias de produtos. Ou seja, são sistemas que buscam evitar o uso total de sintéticos, pesticidas, bem como de reguladores de crescimento e aditivos para alimentação de animais, de acordo como que é

requerido pelo mercado. Segue-se a mesma lógica de produções industriais. (AQUINO; ASSIS, 2007).

No caso do presente ensaio, a agricultura orgânica, em regiões urbanas, é guiada pelos princípios norteadores da agroecologia, a qual utiliza-se do uso racional do equilíbrio da natureza. A agricultura orgânica baseia-se nos bons níveis de produtividade, impedindo riscos de contaminação química para aqueles que cultivaram a agricultura no meio urbano, bem como para os seus consumidores. Outrossim, ela é catalisadora do desenvolvimento regional, porquanto alia os conhecimentos, saberes, culturas, bem como experiências locais.

Conceito de agricultura urbana

O conceito de agricultura urbana, assim como o de agroecologia, necessita de evolução e não é um termo recente. O termo agricultura urbana vem sendo usada amplamente nos meios acadêmicos e mais recentemente nos meios de comunicação. Sua popularização faz com que seja ainda mais urgente e importante sua definição, bem como seja especificado seu conceito, a fim de que se torne um instrumento útil para compreensão da temática. Ainda, de acordo com Mougeot (2005, p. 02):

devemos perguntar se a agricultura urbana é realmente o que chamamos, ou assim queremos chamar, ou o que percebemos na realidade. A definição geral deve levar-nos a um sistema ou construção conceitual, a uma estrutura de compartimentos interconectados baseados nas experiências do mundo real.

O significado de agricultura urbana diz respeito ao local dos espaços dentro e ao redor das cidades ou áreas urbanas. A área que possui alguma atividade agrícola e que se insere dentro das cidades é chamada de intra-urbana e pode ser qualquer tipo de área: individual, coletiva, podendo envolver vias públicas, praças parques e áreas que não estão sendo utilizadas como lotes e terrenos baldios.

A seguir, a figura 1 apresenta exemplo de agricultura orgânica intra-urbana, utilizada na Colômbia:

Figura 1 – agricultura intra-urbana



Fonte: <http://www.organicosdecolombia.com/content/agricultura-urbana-org%C3%A1nica-organoponia-obioponia>

A chamada área periurbana é mais complexa, visto que seu conceito não está associado à localização. Ela deve estar perto de cidades, entretanto o limite pode envolver 10 e 90 km, variando quanto ao desenvolvimento de estradas e custos de transportes. A agricultura periurbana pode interferir, quando próxima a áreas rurais, na própria agricultura, podendo associar trabalho rural com trabalho não-rural. Muitas áreas, antes consideradas rurais, atualmente são consideradas áreas de agricultura periurbana. (MACHADO e MACHADO, 2002).

Importante destacar que atividades, tipicamente urbanas, começaram a avançar sobre espaços que, anteriormente, eram destinados e utilizados pela agricultura. A convivência entre problemas tipicamente rural e problemas de cunho urbano em um mesmo espaço fizeram com que a realidade periférica das cidades e dos espaços urbanos se tornasse ainda mais complexa. Problemas de cunho social, bem como de poluição ambiental passaram ser grandes desafios no mundo moderno.

A seguir, a imagem 2 retrata um exemplo de agricultura periurbana:

Figura 2 – Agricultura periurbana



Fonte: <http://institutoecoacao.blogspot.com.br/2014/04/voce-sabe-o-que-e-agricultura-periurbana.html>

Machado e Machado (2002, p. 12) afirmam que além dos desafios mencionados alhures, a usurpação de áreas antes rurais, por áreas periurbanas envolve também outras questões, as quais como

O lixo e a violência passaram a fazer parte da rotina dessas áreas, existindo certa revolta pela perda de terras, de atividades e principalmente de alimentos. A atividade agrícola periurbana passa, então, a ser de fundamental importância nessas áreas para promover maior equilíbrio social, proteção ambiental e pela segurança alimentar, esperando-se, então, um desenvolvimento periférico sustentável e menos agressivo.

O desenvolvimento de agricultura em áreas periurbanas está associado ao próprio desenvolvimento das cidades, de como se dá o seu crescimento demográfico, bem como o seu desenvolvimento econômico. Percebe-se, assim, uma reconfiguração dos espaços urbanos, mediante novos usos de solo, novas estruturas populacionais, novas práticas sociais, dentre outras possibilidades. Inclusive, para alguns autores como Ferreira e Castilho (2007), este entendimento para ser assertivo, ou seja, a densidade populacional está permitindo a propagação da agricultura urbana.

Desta forma, a agricultura urbana e periurbana encontra-se como uma alternativa para os problemas criados pelo aumento e intensidade das cidades, mormente os que têm relação com a alimentação, saúde, meio ambiente equilibrado, bem como geração de renda. Quando a produção da agricultura urbana é consumida pela população local, mediante comercialização em mercados da região em que é produzida, grande parte das pessoas beneficia-se do consumo de alimentos frescos e saudáveis. A agricultura urbana pode contribuir, de forma eficiente, para a segurança alimentar, bem como nutricional das pessoas.

Outrossim, as áreas urbanas estão cada vez mais presentes no mundo. No Brasil, a partir da década de 1980 a urbanização tornou-se um processo intenso e que passou a caracterizar de forma intensa o território brasileiro. Atualmente, já existem nomenclaturas novas para dar conta de cidades que abrigam uma quantidade expressiva de habitantes, como as megalópoles.

Com um mundo cada vez mais urbano, questões relacionadas à subsistência humana vem à tona: como dar conta de alimentar uma população que se estabelece principalmente em aglomerações urbanas?

Weid (2004, p. 01) afirma que

No Brasil, se o volume consumido pela população como um todo fosse repartido de forma igualitária, a ingestão diária por pessoa, incluindo todos os tipos de alimento, seria de pouco mais de 900 gramas (IBGE, 2003). O consumo de menos de um quilo por dia pode estar no limite da suficiência, em uma dieta bem equilibrada, para um trabalhador intelectual bastante espartano, mas dificilmente cobrirá as necessidades de calorias e proteínas de um trabalhador braçal ou um de adolescente em idade de crescimento. Conclui-se, portanto, que a distribuição desigual de alimentos no mundo é o fator que gera as situações de fome e de insuficiência nutricional. Já no Brasil, ao mesmo problema distributivo associa-se uma oferta total insuficiente para o atendimento da demanda da população.

Diante da problemática diacrônica insuficiência/má-distribuição de alimentos no Brasil, a agricultura urbana coloca-se como uma alternativa que reúne agricultura orgânica, desenvolvimento rural, cidade sustentável e meio ambiente equilibrado.

Mougeot (2005, p. 5), quanto à distribuição dos produtos produzidos pela agricultura urbana afirma que

A maioria das definições de agricultura urbana inclui a produção agrícola tanto para autoconsumo como para algum tipo de comércio. Geralmente ambos os objetivos são visados pelos produtores, ou nos lares onde se pratica a agricultura urbana. Algumas pesquisas econômicas recentes têm focalizado a produção orientada especificamente para a exportação, e nos ajudam a entender melhor o desempenho econômico da agricultura urbana e suas vantagens comparativas com relação a outras fontes de abastecimento, tanto do ponto de vista do produtor como do consumidor.

Importa mencionar, que no caso brasileiro, a agricultura urbana e periurbana deve ser entendida a partir das mudanças existentes na sociedade atual. Levando em consideração o fenômeno da globalização, o desenvolvimento das tecnologias de informação, a criação de um sistema agroalimentar, o qual exerce influência nos hábitos alimentares, bem como a preponderância de monoculturas no meio rural (RODRIGUES, 2009).

Santos (1997a, p. 16) afirma que existem quatro formas de produção da globalização. Uma delas é o globalismo localizado, o qual de acordo com o autor,

Consiste no impacto específico de práticas e imperativos transnacionais nas condições locais, as quais são, por essa via, desestruturadas e reestruturadas de modo a responder a esses imperativos transnacionais. Tais globalismos localizados incluem: enclaves de comércio livre ou zonas francas; desflorestamento e destruição maciça dos recursos naturais para pagamento da dívida externa; uso turístico de tesouros históricos, lugares ou cerimônias religiosos, artesanato e vida selvagem; dumping ecológico («compra» pelos países do Terceiro Mundo de lixos tóxicos produzidos nos países capitalistas centrais para gerar divisas externas); conversão da agricultura de subsistência em agricultura para exportação como parte do «ajustamento estrutural»; etnicização do local de trabalho (desvalorização do salário pelo facto de os trabalhadores serem de um grupo étnico considerado «inferior» ou «menos exigente»).

Como Santos (1997a) declara, cada vez mais a agricultura convencional vira alvo de grandes grupos do agronegócio. Essa assertiva serve para dar-se ainda mais importância à agricultura urbana como alternativa ao processo de globalização, ou como Boaventura mesmo chama “globalismo localizado”.

Os enjambres do capitalismo globalizado, na medida em que se apresentam como indutor de produção hegemônico no mundo, operam como catalisadores de espaços regionais, os quais provocam uma série de visões sobre os fatores que ocasionam o aumento da agricultura urbana. (BAUMANN, 2001).

Assim, a agricultura urbana se apresenta como um processo de fortalecimento diante do capitalismo globalizado, principalmente, por sua influência regional, ou seja, ela ocasiona o fortalecimento da região, o que se torna importante em tempos de globalização e espraiamento da hegemonia do capital.

Metodologia

O método de pesquisa é dedutivo, partindo de um referencial teórico que possui relação com o estudo proposto. A pesquisa é aplicada e, no tocante aos objetivos é exploratória e, principalmente, descritiva. O estudo é exploratório porquanto apresenta maior proximidade

com uma indagação a partir de levantamento bibliográfico e documental. Outrossim, é, também, descritiva, visto que tem como objetivo descrever as principais características do elemento estudado, bem como criar ligações entre variáveis.

Marconi e Lakatos (2003) afirmam que pesquisas que são exploratórias e descritivas, quando combinadas, visam descrever detalhadamente fenômenos. Igualmente, depois de método de pesquisa bibliográfico e documental, utilizou-se levantamento e análise de conteúdo.

Iniciadas as pesquisas de cunho documental, bem como bibliográfico, objetivou-se realizar a conceituação e fundamento teórico do presente trabalho, bem como o atual estado da arte. Assim, para se responder as primeiras indagações, palavras-chave foram buscadas, tais como: agricultura urbana e periurbana, bem como agroecologia. Desta forma, foram encontrados documentos, artigos e sites que versavam sobre a temática, dentre eles: CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio; PAULUS, Gervásio. **Agroecologia como matriz disciplinar para um novo paradigma de desenvolvimento rural.** E FERREIRA, J. R.; CASTILHO, C. J. M. **Agricultura urbana: discutindo algumas das suas engrenagens para debater o tema sob a ótica da análise espacial.** Recife: Revista de Geografia, Recife, v. 24, n. 2, p. 6-23, 2007.

Constatou-se que a agricultura urbana pode ser uma alternativa à elevação da urbanização mundial e conseqüente possível esvaziamento do meio rural. Igualmente, outros resultados podem surgir como a qualidade dos alimentos ingeridos, visto que, aliados à agroecologia, são despidos de agrotóxicos ou recebem o mínimo de insumos possíveis. Ainda, pode ser uma fonte alternativa de renda das famílias envolvidas. E, até mesmo, gerar um senso de comunidade ante a agregação destas.

A agricultura urbana pode envolver produção além dos vegetais. A criação de animais também pode ser objeto deste sistema. Muitas atividades podem ser combinadas, desde a produção que envolva vegetais e frutas até mesmo a criação de animais. Aquino e Assis (2007, p. 143) afirmam que

O sistema agrícola urbano pode ser uma combinação de muitas atividades diferentes, incluindo desde a horticultura e o cultivo de cereais como milho e feijão à integração com a produção animal, aproveitando-se restos vegetais na alimentação destes, através de compostagem isoladamente ou em conjunto com o esterco oriundo das criações.

Após reunião e obtenção de todas informações e dados necessários foram realizadas análises, bem como, foram elaboradas as considerações apresentadas no ensaio.

Análise e discussão dos resultados

A partir da coleta dos dados bibliográficos e documentais passou a conceituar agroecologia e agricultura urbana e periurbana. Pode-se perceber que a primeira é recente, tendo seus estudos se iniciado a partir dos anos de 1980. Os saberes das comunidades oriundas do campo foram essenciais para que se estudasse o que é agroecologia. Também tiveram importância a agronomia e a ecologia, porquanto relacionaram os saberes dos camponeses ao desenvolvimento sustentável e a uma agricultura preocupada com o meio ambiente.

A agricultura urbana e periurbana, associadas à agricultura orgânica, apresentam alternativas a um cenário mundial que aponta para a intensa urbanização da sociedade. Embora haja intensa controvérsia sobre o tema, tem-se que a agricultura urbana ganha vez mais importância neste cenário de discussão.

Outro ponto que merece relevância é que mesmo ante a importância do tema, percebe-se que o conceito de agricultura urbana se encontra em construção. Seu embasamento envolve diversas variáveis como características espaciais, econômicas e sociais, entre outras. Como salienta Mougeot (2005) sua principal peculiaridade está associada ao meio em que se insere. A agricultura urbana está integrada ao sistema urbano, o que por si só, já apresenta diversas dificuldades, em razão da complexidade deste meio.

Nesse sentido, estudos da FAO (1999) indicam que a agricultura urbana é uma forma de adaptação ante às mudanças dadas nos meios urbanos, sobretudo ao que diz respeito à expansão física das cidades, bem como a falta de separação entre o urbano e o rural.

Outra constatação do presente estudo é o fato de que agricultura urbana, a partir de sua inserção no espaço urbano, o qual é moldado pelo capitalismo, serve aos propósitos deste e evolui de acordo com a globalização, é, também, contraditória. De acordo com Baumann (2001), este processo mundial faz com que a cidade, ou o espaço urbano, propriamente dito, acabe perdendo a sua civilidade, na medida em que propicia cada vez mais “ilhas”.

De outra banda, destaque-se que em muitos lugares do mundo, a agricultura familiar vem se tornando alvo da agenda de políticas públicas, como é o caso da Colômbia e também de Cuba, principais referências mundiais citadas em estudos. A importância de sua menção na elaboração da agenda de políticas públicas é importante para a segurança alimentar, mas sobretudo para o desenvolvimento humano.

Ferreira e Castilho (2007, p. 12) asseveram que

Assim sendo, existem várias entidades que desenvolvem ações voltadas ao desenvolvimento desse tipo de agricultura, tais como: PNUD, Organização para Alimentação e Agricultura das Nações Unidas (FAO), Centro de Recursos para a Agricultura e Silvicultura Urbanas (RUAF), dentre outras. O que há de comum nas políticas destas entidades internacionais é que todas buscam garantir o acesso das populações à alimentação, ou seja, à segurança alimentar sem perder de vista aspectos do desenvolvimento humano sustentável.

Os mesmos autores mencionam que no Brasil existem instituições que se dedicam a promover a agricultura urbana, desde ONGs¹ até o Estado em todas as suas instâncias. Eles citam como exemplo o Ministério da Agricultura, que em 2007 realizou um estudo no sentido de identificar espaços de agricultura urbana e periurbana, no sentido de intensificá-las.

Acrescente-se que a agricultura urbana deve ser incentivada não somente nas grandes metrópoles, mas também nas pequenas e médias cidades, as quais vêm demonstrando importância no cenário atual brasileiro, bem como sendo objeto de estudos recentes a respeito das características da urbanização brasileira.

Embora, como mencionar-se-á nas considerações finais, existem documentos e estudos a respeito da agricultura urbana, tem-se que eles não apresentam critérios precisos, bem como apresentam questões pontuais, não tratando da temática como um todo.

Considerações finais

A agricultura urbana sob o prisma da agroecologia e da agricultura orgânica exige uma mobilização e articulação entre diferentes áreas, as quais vão desde a sociedade envolvida até o Estado, em todas as suas esferas: união, estados e municípios. Após considerar-se a questão-problema, o estudo buscou analisar a agricultura urbana e sua relação com a agroecologia e a agricultura orgânica.

As discussões propostas neste ensaio confirmam que a agricultura urbana apresenta-se cada vez mais necessária e, também, como uma solução à urbanização crescente, de forma a garantir a segurança alimentar, bem como o desenvolvimento sustentável. Isto é, embora a globalização e seus efeitos se asseverem cada vez mais, a agricultura urbana tem-se demonstrado eficaz ao fortalecer regiões.

Por conseguinte, é importante mencionar que as cidades estão em constantes transformações. Se antes os estudos concentravam-se nas grandes metrópoles, atualmente,

¹ Um exemplo de ONG que se dedica a incentivar a agricultura urbana é a ONG “Cidades sem fome”: <http://cidadessemfome.org/pt-br/>

eles se voltam aos interesses das pequenas e médias cidades, as quais possuem características distintas e dinâmicas diversas e, da mesma forma, podem abrigar a agricultura urbana.

Cabe ainda destacar que, mesmo havendo interesse de agentes públicos e propagar a agricultura urbana, o que se tem é incipiente. É necessário maior esforço e dedicação dos planejadores urbanos, dos governantes e da sociedade civil. A Agricultura urbana é tida como uma das configurações do espaço urbano. Desta forma, essa característica não pode ser desconsiderada pelos planejadores das cidades.

Diante do exposto, confirma-se a hipótese inicial de que a agricultura urbana pode ser útil para o fortalecimento de regiões no processo mundial de globalização. Entretanto, tendo em vista a escassez de estudos mais profundos, sua prática ainda é pouco conhecida, ou até mesmo, pouco promovida.

Salienta-se a importância de identificar as particularidades da região e convertê-las em potencialidades a fim de reduzir as desigualdades sociais e promover a equidade. Tais ações estão diretamente ligadas à concepção de desenvolvimento regional sustentável defendido por Milton Santos (1997b). Nesse sentido, a agricultura urbana apresenta-se como uma alternativa aos desafios impostos pela globalização.

Por fim, importa destacar que a implantação da agricultura urbana enfrenta diversos desafios, dentre os principais estão a superação das fronteiras entre o rural e o urbano, o descaso dos governantes com o tema, bem como, a ignorância da sociedade de sua importância para o desenvolvimento sustentável e para o desenvolvimento humano.

Como sugestão para estudos futuros, torna-se importante analisar melhor a relação entre a agricultura urbana e as pequenas e médias cidades, bem como investigar formas de incentivar a agricultura urbana. Ainda, analisar como os atores sociais são decisivos na elaboração, implantação e fiscalização de políticas públicas voltadas ao desenvolvimento da agricultura urbana.

REFERÊNCIAS:

ALTIERI, M. A. **Agroecologia - A dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

AQUINO, Adriana Maria de; ASSIS, Renato Linhares de. **Agricultura orgânica em áreas urbanas e periurbanas com base na agroecologia**. [Challenges of organic agriculture in urban and suburban areas.] *Ambiente & sociedade*, 10 (1), p. 137-150. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X2007000100009&lang=pt>. Acesso em: fev. 2016.

ASSIS, R. L. de; ROMEIRO, A. R. **Agroecologia e Agricultura Orgânica: controvérsias e tendências.** Desenvolvimento e Meio Ambiente, Curitiba, v. 6, p. 67-80, 2002.

BAUMANN, Z. 1999. **Globalização: as consequências humanas.** Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar.

CANUTO, J. C. **Agricultura Ecológica en Brasil – Perspectivas socioecológicas.** (Tese de Doutorado) – Córdoba: Instituto de Sociología y Estudios Campesinos (ISEC), Escuela Superior de Ingenieros Agrónomos y Montes (ETSIAM), 1998.

CAPORAL, F. R. **Em defesa de um plano nacional de transição agroecológica: Compromisso com as atuais e nosso legado para as futuras gerações.** Brasília, 2009.

CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio; PAULUS, Gervásio. **Agroecologia como matriz disciplinar para um novo paradigma de desenvolvimento rural.** Disponível em: <http://www.agroecologiaemrede.org.br/upload/arquivos/P399_2005-11-10_133719_016.pdf> Acesso em: fev. 2016.

FAO. **Cuestiones de la agricultura urbana.** Revista Enfoques, 1999. Disponível em: <<http://www.fao.org/ag/esp/revista/9901sp2.htm>> Acesso em: fev. 2016.

FERREIRA, J. R.; CASTILHO, C. J. M. **Agricultura urbana: discutindo algumas das suas engrenagens para debater o tema sob a ótica da análise espacial.** Recife: Revista de Geografia, Recife, v. 24, n. 2, p. 6-23, 2007. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revistageografia/index.php/revista/article/viewFile/111/66>>. Acesso em: fev. 2016.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MOUGEOT, L. J. A. **Urban agriculture: definition, presence, potential and risks.** In: BAKKER, N.; DUBBERLING, M.; GUNDEL, S.; SABEL-KASCHELLA, U.; ZEEUW, H. (Ed.). **Cidades que crescem cultivando alimentos: Agricultura urbana na agenda política.** Faldafing: DSE, 2000. p. 1-42.

PENTEADO, S. R. **Introdução à Agricultura Orgânica: Normas e técnicas de cultivo.** Campinas: Editora Grafimagem, 2000.

RODRIGUES, V. L. G. S. **Urbanização e ruralidade.** Brasília, DF: MDA, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Por uma concepção multicultural de direitos humanos.** Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 48, p. 11 – 32, jul. 1997a. Disponível em: <http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Concepcao_multicultural_direitos_humanos_RCCS48.PDF> Acesso em: fev. 2016.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço – técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 1997b.

WEID, Jean Marc von der. **Agroecologia: Condição para a segurança alimentar.**
Agriculturas: Experiências em Agroecologia. Rio de Janeiro, Vol. I, p. 04-07. Disponível em:
< <http://aspta.org.br/wp-content/uploads/2011/05/N%C3%BAmero-especial.pdf>>. Acesso em:
fev. 2016.